

Por uma maior participação

CLAUDIO LYSIAS
Editor de cidade

02 MAR 1983

O novo Congresso, que ontem iniciou uma das legislaturas mais aguardadas da história do país, encontra Brasília mergulhada em problemas, perplexidades e esperanças inexistentes nos guias de turismo e nos jornais do eixo Rio-São Paulo, ainda não convencidos de que esta cidade é a capital da República. Brasília não é uma ilha, não há a chamada "solidão do Planalto", onde supostamente são tomadas as mais discricionárias medidas governamentais, e decisivamente não estamos alojados em um escritório administrativo, como acredita o deputado Ulisses Guimarães. Brasília é uma cidade como as demais e infelizmente cada vez mais tomada pelos mesmos e graves problemas, como transporte, habitação e saneamento. E preciso encará-la de frente. E desta proposta não devem (e não podem) ficar ausentes os parlamentares, que afinal vão viver e trabalhar aqui.

A Comissão do DF no Senado é um bom exemplo desta falta de colaboração já histórica entre o Congresso e a cidade. Ela nunca fez nada, não há só documento publicado por sua iniciativa identificando e analisando os entraves ao nos-

so desenvolvimento, não há vestígios de aplicação ou competência ao longo de sua (ou falta de) atividade. Mas a Comissão é um caso à parte, talvez perdido. O que o Congresso não pode e não deve fazer é confiar apenas em uma Comissão para representá-lo junto à comunidade brasiliense ou lavar as mãos, avisando aos teimosos que insistem em vê-lo mais atuante que apenas a representação política para a cidade poderá resolver tudo. Isso não adianta. Se os novos congressistas tiverem boa memória, irão lembrar-se de que parlamentares só têm entrado no noticiário local nas páginas policiais, representados por Anísio de Souza, por ter dado um tiro em um funcionário do MEC, e Gilson de Barros, por ter agredido o porteiro de seu bloco.

em constantes levantamentos, vem estimando em cerca de 100 mil o número de pessoas sem lugar para morar no DF. Quase 10% da população. É um problema que preocupa pessoalmente o governador, consciente de que essa é uma questão repleta de armadilhas, pois se resolvida pela metade ou paliativamente resultará em graves distúrbios econômicos e sociais, como o aumento da migração, por exemplo.

São problemas que devem sensibilizar o novo Congresso, nascido de uma eleição em que os apelos pela melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro ecoaram por todo o país na boca de candidatos situacionistas e oposicionistas. Os parlamentares não devem acanhar-se em buscar mecanismos capazes de aproximá-los mais da cidade em que passarão a viver. Há espaço para todos. E espaço político. Brasília só poderá agradecer.

Esta cidade atualmente luta com dois problemas básicos: o desemprego, fato provocador de insônia em alguns de nossos empresários mais conscientes e mais sensíveis aos problemas sociais, e a habitação. Calcula-se que existam, só na construção civil, mais de 20 mil desempregados. E uma mão-de-obra não especializada, pronta para "se virar" em qualquer trabalho que não exija preparo, mas é também uma mão-de-obra em potencial para a delinquência ou para agitação política. Um bom orador com um banquinho na Ceilândia pode trazer mais dores de cabeça para o governo do que normalmente se imagina, pois a situação é crítica.

Já o problema da habitação tem levado o governador Ornellas a sucessivas reuniões com seu secretariado. A Secretaria de Serviços Sociais,